SUPREMO CONSELHO

DOS GGR.'.EESC.'. 4º A 33º

PARA O BRASIL

RITUAL

DO

GRAU 14

PERFEITO E SUBLIME MAÇOM



Rua São Joaquim, 457

SÃO PAULO - SP.

SUPREMO CONSELHO

DOS GGR.˙.EESC.˙. 4º A 33º

PARA O BRASIL

R I T U A L

D O

GRAU 14

PERFEITO E SUBLIME MAÇOM



Rua São Joaquim, 457

SÃO PAULO - SP.

Grau 14.°

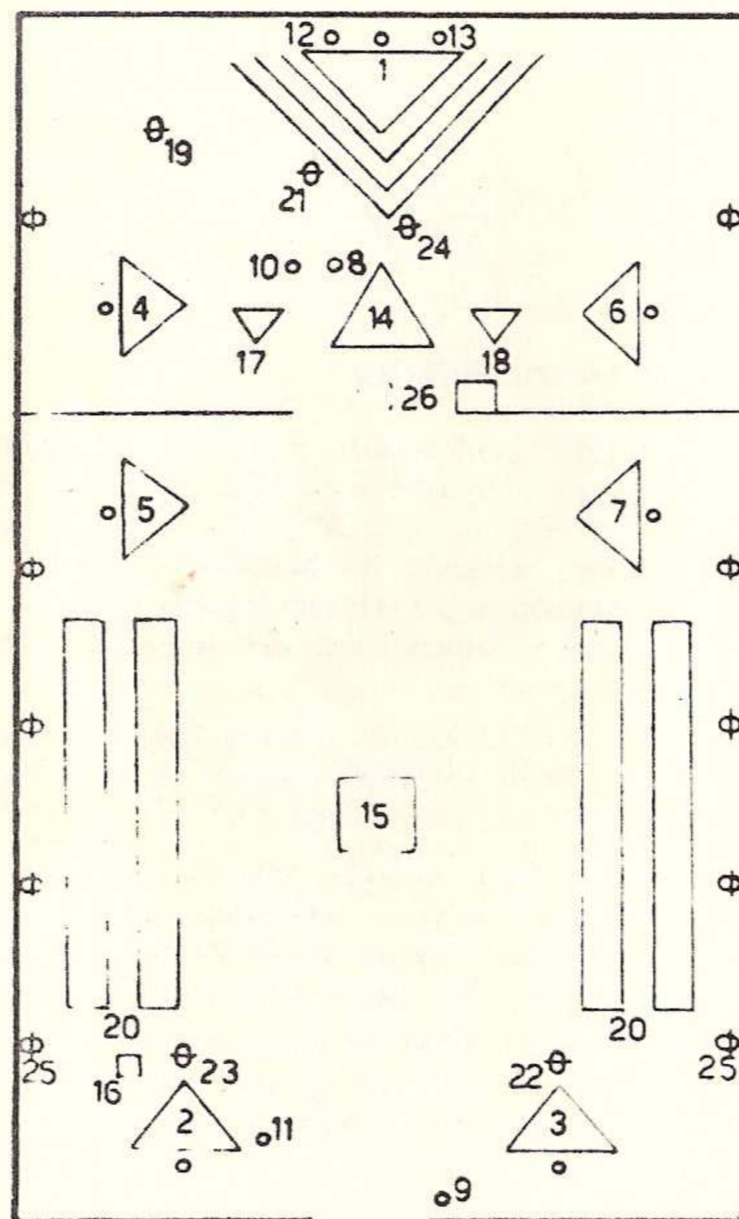
DECORAÇÃO DO TEMPLO

O Templo, denominado **ABÓBADA SECRETA,** representa um compartimento subterrâneo formando um cubo perfeito. A decoração é em carmezim, donde proveio o nome de Maçonaria Encarnada, dado, antigamente, aos Graus Inefáveis. De intervalo a intervalo, Colunas brancas, junto às paredes do Templo.

No Oriente, ao ângulo direito, fica o Candelabro Místico, representando o Sól e os sete Planetas, como entendiam os antigos.

No Trono, duas cadeiras, uma para o Presidente e outra para Hiram. Suspensos à frente do dossel dois Triângulos entrelaçados sendo um branco e o outro prêto, sôbre fundo carmezim.

Em frente ao Altar do Secretário, uma trípode branca, sôbre a qual ficará uma urna de prata, contendo perfumes e, nas sessões de iniciação, mais as jóias destinadas aos Neófitos. Em frente ao Al-



LEGENDA

1 — T:. V:. P:. (Salomão)
2 — 1.º VIG:. (Adoniram)
3 — 2.º VIG:. (Moabom)
4 — Secr:. (Joabem)
5 — Orad:. (Abdamon)
6 — Tes:. (Jabulum)
7 — Hosp:.
8 — MCC:. (Stolkin)
9 — Cobr:. (Zerbal)
10 — 1.º Exp:.
11 — 2.º Exp:.
12 — Hiram
13 — Chanc:. (Galaad)
14 — Alt:. dos juramentos
15 — Mesa do centro com pentatêuco, CCons:., triâng:. de ouro e as 2 eesp:.
16 — Mar de bronze
17 — Alt:. dos perfumes
18 — Mesa com 12 pães e taça de mistura — trôlha
19 — Candelabro de 7 velas
20 — Assentos dos OObr:.
21 — Castiçal de 3 velas
22 — Castiçal de 5 velas
23 — Castiçal de 7 velas
24 — Castiçal de 9 velas
25—Colunas brancas
26 — Alt:. dos sacrif:.

tar do Tesoureiro, a mesa dos Pães de Proposição, onde estarão 12 Pães, sal e uma taça com vinho.

No centro do Templo, uma mesa quadrada, coberta de pano branco com franjas douradas, sôbre a qual estarão um rôlo de pergaminho, as Grandes Constituições, os Estatutos e Regulamentos Gerais, um Triângulo equilátero, um Esquadro, um Compasso e duas Espadas cruzadas, com as pontas para o Oriente. Em frente e um pouco à esquerda do Altar do 1.º Vigilante, uma pequena Coluna com um vaso de bronze contendo água.

A iluminação principal é feita por 3, 5, 7 e 9 luzes assim distribuídas: em frente de Hiram, 3 luzes, formando um triângulo equilátero; no Altar do 2.º Vigilante, cinco luzes formando um quadrado com uma das luzes no centro; no Altar do 1.º Vigilante, sete luzes, formando um quadrado inscrito em um triângulo; defronte do Presidente, nove luzes, formando três triângulos concêntricos. Defronte de Hiram, as luzes são **azues**; do 2.º Vigilante, **amarelas**; do 1.º Vigilante, as do triângulo **encarnadas** e as do quadrado **alaranjadas**; do Presidente, duas **brancas** e uma **violeta** nos dois triângulos externos e **brancas** no triângulo central

OFICIAIS E TÍTULOS

O Presidente tem o tratamento de Três Vêzes Poderoso; os Vigilantes o de Respeitabilíssimos; o Secretário, Tesoureiro, Orador e Hospitaleiro o de Respeitáveis.

INDUMENTÁRIA

O Presidente usa túnica carmezim, com o Colar e a Jóia do Grau. Os demais Membros usam o Avental, o Colar e a Jóia, sendo o traje prêto com luvas brancas e espada prêsa a um cinto côr de laranja.

O Avental é de pelica, orlado de sêda azul, com guirlanda carmezim ao longo da órla. No centro, a Jóia bordada, e, na abêta, um pêso cúbico de pedra.

O Colar é de veludo carmezim, tendo bordados, do lado esquerdo, um ramo de acácia e, do direito, uma estrêla de prata de cinco pontas.

A Jóia é um compasso com uma corôa de ponto sôbre um quarto de círculo, em que estão gravados os números 3, 5, 7, 9. Na abertura do compasso há uma medalha com um sol; do outro lado na medalha há uma estrêla flamígera com a letra G no meio. E' suspensa à ponta do colar.

RITUAL DO GRAU 14.º

ABERTURA DOS TRABALHOS

Havendo número legal e preenchidos os lugares:

T:. V:. P:. — (!) — Ir:. 1.º Vigilante, estamos a coberto sob a Abóbada Secreta?

1.º VIG:. — T:. V:. P:., estamos a coberto e em segurança.

T:. V:. P:. — Quem vos conduziu até aqui?..

1.º VIG:. — Um coração zeloso.

T:. V:. P:. — Que trazeis convosco?

1.º VIG. O desejo de atingir a Perfeição.

T. V. P: Quais as qualidades necessárias para consegui-la?

1.º VIG: A Justiça e a Energia.

T. V. P. — O que é uma Loja de Perfeição?

1.º VIG: Uma oficina em que os Ilr: se auxiliam mutuamente para atingir a perfeição.

T. V. P: — Por que motivo o rico e o pobre, o príncipe e o sábio são, aqui, iguais, amigos e irmãos?

1.º VIG. Porque no triângulo inscrito no pedestal como na imensidade do céu, existe um Poder que igualmente os domina.

T. V. P. — Que idade tendes?

1.º VIG. Oitenta e um anos cuja raiz é o quadrado de três número perfeito. E' por essa forma que as cousas remontam a suas origens.

T. V. P. Que compromissos contraistes como Perfeito e Sublime Maçon?

1.º VIG. Uma aliança eterna.

T. V. P. Que sinal tendes dessa aliança?

1.º VIG. O anél que recebi.

T. V. P. Onde acharemos nossos instrumentos materiais?

1.º VIG. Em nosso coração e em nossa inteligência se soubermos nos servir do Esquadro e do Compasso.

T. V. P. — Que horas são?

1.º VIG. Meio dia em ponto.

T:. V: P: — Comunicai, pois, aos Obreiros que vou abir os nossos trabalhos. E' mistér que êles compreendam os números misteriosos.

(Feito o anúncio) — !!!

2.º VIG: — !!!!!
1.º VIG: — !!!!!!!
T:. V: P: — !!!!!!!!!

(Todos se levantam e ficam à ordem. O ORAD:. abre o L: S: em LEVITICO 24;5 e 6)

T:. V: P: — EM NOME E SOB OS AUSPÍCIOS DO SOBERANO SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33.º DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO PELOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E EM VIRTUDE DOS PODERES DE QUE ME ACHO INVESTIDO, DECLARO ABERTOS DEVIDA E REGULARMENTE OS TRABALHOS, QUE RETOMAM FÔRÇA E VIGOR NO GRAU A mim, meus Ilr:. pelo Juramento **(executa-se)**; pela Admiração e pelo Silêncio **(executam-se os dois movimentos)**. (!) Sentemo-nos, meus Ilr: **(Pausa)** Concedo a palavra ao Ir: Secretário para a leitura da Coluna Gravada da última reunião

(Terminada a leitura da Coluna Gravada.)

T:. V: P: — Ilr: 1.º e 2.º VVig: anunciai aos Ilr: que se quizerem fazer observações sobre

a Coluna Gravada que acaba de ser lida, a palavra será concedida

(Feito o anúncio, se houver observações serão elas dirimidas pelo Presidente. Reinando silêncio:)

T∴ V∴ P∴ — Estando Silenciosas as Regiões, declaro aprovada a Coluna Gravada que foi lida. **(Pausa até a assinatura do livro de atas).** Ir∴ Secretario decifrai a correspondência

(O Secretario lê o expediente, a que dará o destino ordenado pelo Presidente e os trabalhos continuam em sessão ordinária. Havendo recepção de candidatos, o T∴ V∴ P∴ passará aos trabalhos de iniciação.)

INICIAÇÃO

T∴ V∴ P∴ — Ir∴ Mestr∴ de Cer∴, ide verificar se há iniciandos no átrio do Templo e trazei-me a lista dos que aguardam nossa deliberação

(O Mestr∴ de Cer∴ vai cumprir a ordem; volta trazendo a lista e vai entregá-la ao T∴ V∴ P∴)

T∴ V∴ P∴ — **(Depois de verificar a lista.)** — Voltai para junto dos Neófitos e dizei-lhes que, em face da decisão desta Loja de Perfeição,

foram investidos dos Graus 10.º, 11.º, 12.º e 13.º cujas instruções lhes serão, em breve, comunicadas. Preparai-os, de acôrdo com os nossos usos, para que possam ingressar neste Templo.

(O Mestr∴ de Cer∴, cumprindo a ordem, prepara os Neófitos e trá-los à porta do Templo, onde bate como Cav∴ do Real Arco.)

G∴ DO T∴ — **(Ouvindo o bater, entreabre a porta.)** — Que desejais?

MESTR∴ DE CER∴ — Conduzo CCav∴ do Real Arco que aspiram a perfeição e solicitam trabalhar sob a Abóbada Secreta.

G∴ DO T∴ — T∴ V∴ P∴, é o Mestr∴ de Cer∴ que conduz a êste Templo CCav∴ do Real Arco que desejam compartilhar de nossos trabalhos.

T∴ V∴ P∴ — Seja-lhes franqueado o ingresso.

1.º EXP∴ — **(Colocando a espada sôbre o peito de um dos candidatos)** — Quem sois? Que desejais?

NEÓFITO — Cav∴ do Real Arco. Ando à procura.

T∴ V∴ P∴ — Permiti Ir∴ 1.º Experto, que os Neófitos se aproximem do Oriente **(Pausa até à chegada dos Neófitos.)** — Meus Ilr∴ o Grau que ides receber e o derradeiro da Maçonaria primitiva, o último dos chamados **INEFAVEIS**, aquêle que põe têrmo ao Simbolismo fundado

na Lenda de Hiram e da construção do primeiro Templo. Os Graus anteriores e as funções a eles inerentes, entre os Maçons Construtores, faziam com que a escala da Perfeição só pudesse ser atingida depois de uma longa prática da vida maçônica. Era mistér que se fizessem várias votações, comprovando a estima dos Ilr:. e o valor do candidato. Hoje são bem menores essas dificuldades, por isso que a situação social e os costumes mudaram. A liberdade, que era, outrora, o principal objeto dos esforços da Maçonaria, está, hoje, consagrada, em quase todo o Universo, por meio de Constituições políticas e da opinião pública. Resultou, desta conquista político-social, suporem alguns Maçons terminado o papel da Maçonaria. E, entretanto, a tarefa maçônica é a mesma de sempre: corresponde às mesmas necessidades da Humanidade. Suas aspirações são as mesmas de sempre. Ela é, sempre, o mesmo maravilhoso instrumento imaginado para impulsionar, com segurança e regularidade, a evolução de cada época da história humana. Ha Maçons que compreendem êsse trabalho e nêle depositam inteira fé. Só êsses Maçons devem entrar neste Templo sagrado, em que vos encontrais. Se sois Maçons por curiosidade; se na vida maçônica só buscaste amigos, relações, distrações; se desejais, apenas afirmar vossas convicções liberais, atingistes já vossos propósitos. Não tendes necessidade de iludir-nos e de serdes inconseqüentes convosco, vindo solicitar entrada numa Loja que nenhum proveito material vos pode oferecer.

Interrogai vossa conciência e respondei-me, como deve fazê-lo um homem de bem. A adesão que nos ofereceis é sincera e refletida? Desejais, com lealdade, as qualidades de Perfeito Maçon? Tendes a certeza de merecer êsse galardão?

NEÓFITO — ....

T:. V:. P:. — Conforme nossos costumes, anteriores a 1717, a iniciação em uma loja de Perfeição assemelha-se ao batismo que era praticado na maior parte das escolas filosóficas e nos meios populares, constando ora de simples abluções, ora de batismo pela água, pelo ar e pelo fogo. Era, em tôda a parte, um símbolo da renovação da fé ou do pensamento, uma purificação da vontade, uma promessa solene de se consagrar a uma idéia nova. As mais das vêzes, êsse batismo realizava-se no começo das iniciações. O Cristianismo, que, por seu sistema de "graça sobrenatural", não necessita do consentimento do catecúmeno, batiza crianças ainda sem consciência. Os maçons, colocando seu batismo no fim dos ensinamentos, quiseram exprimir que só pela vontade do homem instruído se pode fazer a renovação daquilo que constitui a idéia nova. **(Pausa).**

Meu Ilr:., como condição primeira de vossa admissão no grau de Perfeição, tendes de comprovar vossos conhecimentos dos graus anteriores. Êsses conhecimentos compreendem

uma parte que se poderá chamar exterior, isto é, os meios de reconhecimento, os simbolos e as alegorias em sua aparência material e outra referente ao ensinamento moral, ao sentido oculto dos símbolos. Vamos, pois, relembrar os fundamentos principais dêsse ensinamento. (Pausa) — Ir:. Mestr:. de Cer:., fazei sentar os Neófitos.

(Sentados os Neófitos, o Mestr:. de Cer:. designa um dentre êles para responder, por todos, as perguntas do T:. V:. P:..)

T:. V:. P:. — (Ao Neófito) — Meu Ir:., sois Maçon?

NEÓFITO — Meus Ilr:. como tal me reconhecem.

T:. V:. P:. — Que fizeste, como Aprendiz?

NEÓFITO — Tendo recebido a luz, trabalhei na Pedra Bruta.

T:. V:. P:. — Sois uma parcela da vida universal um germe que apareceu em um ponto do espaço infinito. Vosso ser sofreu inconscientes transformações. Tivestes sensações, depois idéias incoerentes que, mais tarde, se foram tornando precisas. Por fim, vos considerastes capaz de perceber a verdade. Essa, a luz que vistes. A humanidade levou séculos incontáveis, antes de percebê-la. Nós consideramos o estado atual de nossa raça, sem que saibamos se ela está em seu comêço, ou se prestes a alcançar seu fim, e sem conhecermos seus destinos, nem na-

da compreendermos do mundo a que ela pertence. Em seu instinto, o individuo observa, pensa e fala, para, depois, compreender e seguir uma idéia: é o trabalho sôbre a Pedra Bruta. Os Maçons procuram auxiliar-se mùtuamente nesse trabalho, com mais zêlo e melhor método que o comum dos homens. Pretendeis ser um dêles: pois bem, dai ao Ir:. Mestr:. de Cer:. os sinais que vos farão reconhecer como tal.

(O Mestr:. de Cer:. recebe os sinais e comunica se estão certos.)

T:. V:. P:. — Depois que trabalhastes na Pedra Bruta, que mais fizestes?

NEÓFITO — Fui recebido Companheiro, em uma Loja Perfeita. Vi a letra **G**; subi os sete degraus do Templo, nêle entrando pela porta do Ocidente; passei por entre as Colunas de bronze sôbre as quais estão as esferas destinadas a guardar os utensílios de trabalho e o tesouro para o pagamento dos operários. Aprendi a utilizar-me do Esquadro, do Nível e da Perpendicular para construir edifícios alinhados sôbre seus alicerces. Trabalhei, então, na Pedra Cúbica.

T:. V:. P:. — O Companheiro não trabalha sòmente na Pedra Bruta, na matéria inerte; conhecendo a Geometria, a ordem e o raciocínio, possui aparelhamento científico. Trabalha na Pedra Cúbica, no tijôlo, auxiliando a natureza

em seus empreendimentos. Levanta o Templo. isto é, a Lei Moral, a Lei Social, guiando o pensamento humano à realidade. Compreendendo já por essa forma, a vida humana, que vistes mais?

NEÓFITO — Fui testemunha do assassinato de Hiram, chorei, com meus Ir∴ a Palavra perdida, nossos utensílios quebrados, nossos trabalhos abandonados. Conheci o ponto perfeito da Maçonaria, segrêdo que conservo e oculto. Passei, então, do Esquadro ao Compasso: fui Mestre

T∴ V∴ P∴ — Onde escondeis vosso segrêdo?

NEÓFITO — Dentro do coração.

T∴ V∴ P∴ — Haverá chave para nêle entrar?

NEÓFITO — Existe, guardo-a em um cofre de coral que só se abre e fecha com a chave de marfim

T∴ V∴ P∴ — Vistes a inteligência humana perseguida, ferida e morta. Era a única diretora dos trabalhos; ela só deveria encontrar obstáculos na decifração da natureza e isso já era de si, difícil Encontrou além dêsses obstáculos, o vício e o crime dos próprios obreiros. A humanide trazia, em sua substância, a herança dos irracionais, ja no orgulho e na ferocidade, já na ignorância e na covardia. Conhecendo, porém, a idolatria absurda e a escravidão, sabe que tôdas as formas de tirania oprimem o trabalho e a ciência. **(Pausa)**

Qual o sinal de Mestre?

NEÓFITO — **(Faz o sinal).**

T∴ V∴ P∴ — Como chamais êste sinal?

NEÓFITO — Sinal de horror, porque indica o horror que invadiu os Mestres ao encontrarem o corpo inanimado de Hiram.

T∴ V∴ P∴ — O horror à tirania e à idolatria é o sinal pelo qual se conhece um Maçon. **(Pausa)** — Dai-me a P∴ S∴

NEÓFITO — **(Dá a palavra pedida).**

T∴ V∴ P∴ — Que significa esta palavra?

NEÓFITO — A carne desprende-se dos ossos.

T∴ V∴ P∴ — Quando a verdade não é o escôpo esgota-se a razão do homem. Quando a inteligência não é mais condutora dos trabalhos, o corpo social decompõe-se como um cadáver **(Pausa).**

Quais as qualidades de um Mestre?

NEÓFITO — Sabedoria, Fôrça e Beleza.

T∴ V∴ P∴ — Qual o principal utensílio de trabalho?

NEÓFITO — O Compasso.

T∴ V∴ P∴ — Bastava o Esquadro para trabalhar na Pedra Bruta. Não é, porém, bastante para os destinos do homem. O homem pesquiza o infinito no tempo e no espaço; mede os astros a lei das cousas, a realidade na imensidade dos céus; conhece a Geometria, ciência soberana chamada divina; sabe as regras da proporção matemática e, portanto, o uso do Compasso. **(Pausa).**

Que nome se dá a um Mestre?

NEÓFITO — Gabaon, Mestre Perfeito.

V: P:. — A verdade por tôda parte, refugia-se no coração do Maçon. **(Pausa)** — Como trabalham os Mestres?

NEÓFITO — Na prancheta de desenho.

V: P: — Onde recebem seus salários?

NEÓFITO — Na Câmara do Meio.

V: P: — Por onde viajam os Mestres?

NEÓFITO — Por tôda a superfície da terra.

V: P: — Para quê?

NEÓFITO — Para aprender o que ignoram e espalhar os seus conhecimentos.

V: P: — Se perdesseis de vista um de vossos Ilr:. onde o encontrarieis?

NEÓFITO — Entre o Esquadro e o Compasso, isto é, entre a Sabedoria e a Justiça, das quais jamais, se afasta um bom Mestre.

V: P: — Que farieis se estivesseis em perigo?

NEÓFITO — **(Faz o sinal de socorro).**

V: P: — Que significa essa expressão.

NEÓFITO — Depois da morte de Hiram, os Mestres tomaram à sua conta a mãe dêle, considerando-se como seus filhos, por isso que o Mestre os considerava como Ilr:.

V: P: — A Mãe de Hiram é a nossa Mãe, a Humanidade. **(Pausa)** São êstes os principais traços dos graus chamados Simbólicos. Pensam muitos Ilr:. que só êstes três graus eram usados pelos Maçons antigos. E' um êrro. A Lenda de Hiram não termina no 3.º Grau: continua

em outras iniciações, nas quais só um pequeno núcleo de Mestres é admitido. Seria demasiado longo falar agora. desta questão. A biblioteca maçônica é suficientemente rica em obras sôbre o assunto. Estudai. com interêsse, o que é relativo a fundação da Grande Loja da Inglaterra em 1717 as discussões que tiveram lugar quando se tratou de suprimir os Graus superiores aos três primeiros; a oposição da Grande Loja de York e o acôrdo final, pelo qual o Grau do Real Arco foi englobado no Rito daquela Potência Maçônica. Deveis estudar também a Historia da introdução da Ordem Maçônica nos paises da Europa e da América, assim como tudo quanto se relaciona com a organização definitiva do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Qualquer Maçon pode permanecer Mestre pois êste Grau lhe confere a plenitude da qualidade de Maçon. E' igual a todos os seus Ilr:. Não solicitando graduação superior, obedece a suas preferências pessoais, sem censuras nem embaraços aos que tiverem graus superiores. O que mais importa aos interêsses do nosso Rito é que ninguém entre para a Maçonaria atraido pelas fitas e jóias, nem por mera curiosidade, mas, sim, para seguir seus ensinamentos, escutar os mais velhos, estudar a tradição, gozar da intimidade de um grupo menos numeroso de amigos. O que nosso Rito deseja é evitar apreciações irrefletidas que,

sempre, fazem os Maçons mais jovens e menos experientes **(Pausa)**

Os graus 4 ao 14.º, chamados INEFÁVEIS, já eram praticados pelos antigos Maçons. Desde a organização do Rito de York ou Moderno, vários graus sofreram modificações mas os Graus Inefáveis permaneceram os mesmos como Simbólicos e se encontram em todos os sistemas ritualísticos **(Pausa)**

Sois Mestre Secreto?

NEÓFITO — Fui recebido em baixo do loureiro. Meus lábios trazem o timbre do sêlo do sigilo. Conheço o Dever.

T:. V:. P:. — E' evidente que, com o tempo, entre os Mestres, demasiadamente numerosos, se fêz a precisa seleção. Antes de admitir o recém-vindo entre os que dirigiam a obra era mister estarem seguros de suas aptidões e de seu caráter. Quantas vêzes não nos acontece ainda hoje, ao falarmos, confiada e francamente, em matéria filosófica e política, a um grupo de amigos discretos hesitantes que ficamos mesmo em Loja, de afrontar contradições incômodas e divulgações prejudiciais? Será por falta, de franqueza, ou de coragem? O homem é o que é; preciso é, pois, não julgá-lo maior do que na realidade. A sorte dos sonhadores e dos declamadores estéreis é justamente esquecerem-se das realidades, que conduziram ao nada os seus sonhos **(Pausa)**

Dai-me a Palavra e o Sinal do Grau 4.º

NEÓFITO — **(Cumpre a ordem).**

T:. V:. P:. — Sois Mestre Perfeito?

NEÓFITO — Fui recebido junto ao túmulo de Hiram; vi os três círculos que rodeiam o Cubo, sôbre as duas Colunas cruzadas; tomei parte nos funerais do Mestre.

T:. V:. P:. — No Grau 5.º, volve-se à lenda simbólica. Os Mestres, impedidos de trabalhar, oprimidos pela tirania e pela cega idolatria das massas, juram defender o bom senso. Lutarão contra o sacerdócio e o despotismo; procurarão haurir fôrças nas leis eternas das esferas, que dominam e contêm o mundo das sensações, — o Cubo. Vedes a idéia da luta, que começa. Os gemidos sob a opressão não podem durar muito.

Ides ver, nos graus seguintes, como o homem será levado à batalha permanente contra os assassinos da inteligência. **(Pausa)** **Sois Secretário Íntimo?**

NEÓFITO — Vi o Rei de Tiro entrar no gabinete de Salomão. Ia furioso, porque Salomão, havendo-lhe prometido riquíssimas províncias, só lhe reservara regiões estéreis. Julgando o meu Rei em perigo, quiz velar por sua vida.

T:. V:. P:. — O Grau 6.º é baseado nesse episódio bíblico. O Ritual é consagrado à fidelidade e à dedicação. E' um nôvo meio de seleção entre os iniciados ,antes de desvendar-lhes o pensamento maçônico. **(Pausa)**

Sois Preboste e Juiz?

NEÓFITO — Distribui justiça aos operários.

T: V: P: — Sois Intendente dos Edifícios?

NEÓFITO — Fui julgado digno de, com mais quatro companheiros, conduzir os trabalhos.

T: V: P: — Os graus 7.° e 8.° trazem impressos os traços dos primeiros tempos da Maçonaria. E' de notar que os graus de Secretário Intimo, Juiz e Intendente dos trabalhos correspondem precisamente às três ordens de estudos exigidos pela direção das corporações de construtores: a correspondência externa, o regulamento das construções e a técnica dos trabalhos. No govêrno social, é, também, por estas três ordens de estudos, — conhecimentos das relações exteriores ,ciência das leis e das matérias industriais —, que se pode adquirir a aptidão para ajuizar das cousas públicas. **(Pausa)**

Depois de vos haverdes preparado, dessa maneira, fostes considerado Eleito dos Nove?

NEÓFITO — Uma caverna recebeu-me, uma lâmpada iluminou-me e uma fonte de água cristalina saciou minha sêde.

T: V: P: — Que aprendestes nesse Grau?

NEÓFITO — Aprendi a destruir a ignorância, em mim mesmo e nos outros; a ser **corajoso** contra minhas próprias fraquezas e contra a injustiça alheia.

T: V: P: — A luta começa e o Neófito conhece o que dêle exigimos. Põe-se-lhe na mão um punhal, designando-se o refúgio do assassino de Hiram, e êle vai matá-lo. Devido a êste grau, atribuíram à Maçonaria o propósito de preconi-

zar o regicídio. Calúnia insensata! Nada mais antagônico, em todos os tempos, do que os princípios maçônicos e os processos de violência. Se movimentos políticos tiverem, como não se pode negar, princípio em Lojas maçônicas, foram, apenas, incidentes excepcionais, promovidos por aquêles que desconheciam o espírito da Maçonaria.

Sabemos que, neste famoso grau 9.°, aquêle que matou o assassino é condenado por seus Ilr:. e a lição moral decorrente consiste, justamente, em mostrar que as represálias devem ser classificadas entre os crimes inúteis. Para que, pois, vos armaram com um punhal?

NEÓFITO — O punhal é um símbolo, por isso que se trata de ferir a ignorância, e a ignorância só pode ser ferida mortalmente pela ciência, isto é, pelo livro, pela escola, pelo estudo da natureza.

T:. V:. P: — O opressor da inteligência pode ser atingido pelo punhal?

NEÓFITO — O punhal pode atingir um tirano, mas é raro que, ferindo o tirano, êsse golpe atinja, também, a tirania, que conseguirá sempre encarnar-se em um sucessor daquele.

T: V: P: — A tirania só se torna possível pela ignorância das massas que a suportam. E' mistér, pois, esclarecer o povo. **(Pausa)**

Vejo, meus Ilr:., que, como Eleito dos Nove, compreendestes, perfeitamente, os ensinamentos morais do Grau 9.°. **(Pausa)**

Sois, também, Eleito dos **XV** e **Eleito** dos XII?

NEÓFITO — Depois da morte do primeiro assassino de Hiram, mandaram-nos perseguir os outros dois. Encontramo-los ocupados em aparelhar pedras. Conduzimo-los à presença de Salomão, que lhes aplicou o justo e merecido castigo. Para recompensar-nos, Salomão criou o Capítulo dos Eleitos dos XV e, mais tarde, o dos Eleitos dos XII. Êste foi composto de antigos Mestres perfeitos e experimentados, e, por isso, foram chamados Chefes das Tribus e Príncipes de Israel.

T∴ V∴ P∴ — Êstes três graus de Eleitos são encontrados nos mais antigos Ritos, no de York e no Moderno da Grande Loja de Inglaterra. Em outros Ritos, oferecem várias subdivisões, ou se agrupam. Em todos, porém, é conservada a idéia de Mestres que, depois do assassinato de Hiram, perseguem seus assassinos. **(Pausa)** Qual é a Lenda do Mestre Arquiteto?

NEÓFITO — Depois da morte dos assassinos de Hiram, os trabalhos do Templo continuaram. Salomão confiou a direção a Adonhiram, filho de Abdá, dando-lhe o título de Grande Arquiteto. Mais tarde, êste título estendeu-se a outros Arquitetos e a Príncipes de Israel.

T∴ V∴ P∴ — Os Eleitos puderam, finalmente, vencer os obstáculos criados pelos maus instintos dos homens. Conclue-se a obra de libertação. O livre pensamento retoma a tarefa da

construção do Templo. Qual o primeiro meio empregado? A ciência exata.

Demoremos, mais alguns instantes, diante desta lição salutar. O Aprendiz, tendo visto a Luz, atirara-se ao trabalho, cheio de coragem. O Companheiro recebia farto salário. Erguia-se o Templo da Inteligência, quando o crime veio destruir tudo. E', então, que a Humanidade sofre e se lamenta. Levantar-se-á ela, de súbito, como um exército que marcha para o assalto? Estéril utopia! Os impacientes, os exasperados, os sonhadores bem que experimentaram, mas sucumbiram. A Maçonaria atua por outra forma.

Depois do crime, a primeira criação é o Mestre Secreto: DISCRIÇÃO e DEVER. Quando a Maçonaria reúne um pugilo de homens de bem, ensina-lhes a prática das relações sociais, depois as leis da Justiça e, em seguida, a técnica do govêrno. Então, sòmente aquêles que desfecharem os golpes serão os Eleitos, os mais fortes, os mais prudentes. O primeiro criminoso será ferido, pela cólera, por meio de um punhal; os outros perecerão de acôrdo com os arestos de uma Justiça regularmente organizada. Será o triunfo completo da Inteligência? Nóva utopia acreditar em tal! A vitória seria inútil se não fôsse, logo seguida pelo trabalho austero, persistente, sem tréguas, desprezando cálculos.

Mas que trabalho? A ciência exata, a Moral, a política, a economia social, os direitos do povo, os direitos individuais, tudo está su-

jeito a regras matemáticas, que é mistér compreender e aplicar.

Compreendeis, agora, a soberana grandeza dêste ensinamento? E' o ascendente legítimo, que pertenceu, sempre, e ainda pertence a uma Instituição que sabe dar têmpera aos homens.

Aquêle que, sob a orientação maçônica, escrevesse a história da Humanidade, poderia reclamar o título de grande historiador e grande filósofo. As doutrinas da Maçonaria, iniciadas por construtores práticos e refletidos, foram desenvolvidas, grau a grau, com firme vontade de acertar. Jamais, como em nossos dias, teve a lição do Mestre Arquiteto de ser meditada e compreendida. Se os assassinos de Hiram não foram mortos, seu poder, entretanto, diminuiu muito; estamos chegados aos tempos em que os Eleitos dos XII, isto é, a Justiça regular pronunciará sua sentença. Chegamos, pois, ao momento perigoso do triunfo. Lançando os olhos em tôrno, na carta do Universo, não vemos que nações há em que as matemáticas foram postas de lado e não se passou de Eleitos a Arquitetos? Não cairam, por ventura, essas nações na anarquia, na desordem, na decadência? Não possuimos, por ventura, estéreis declamadores políticos, que a multidão aplaude, sem perceber a intriga sob a máscara da dedicação à causa pública? Não temos que nos resguardar, todos os dias, contra concepções insensatas, que levariam à corrupção e à ruina? **(Pausa)**

Qual é o Grau 13.º de nosso Rito?

NEÓFITO — E' o Real Arco que foi, também, denominado "Cavaleiro do IX Arco", "Real Arco de Enoch", "Real Arco Escocês" e "Real Arco de Salomão".

T:. V:. P:. — Sois Maçon do Real Arco?

NEÓFITO — Sei o que fui e o que devo ser.

T:. V:. P:. — Onde fostes recebido?

NEÓFITO — Sob a abóbada subterrânea, cavada na rocha. Descobria-a ao explorar as ruínas do antigo Templo. Sôbre a Pedra, li o nome de Deus, o G:. A:. D:. U:., mas não sei pronunciá-lo.

T:. V:. P: — Ao espírito do homem deu-se a liberdade. Qual a sua primeira pesquiza? — Deus! Onde se encontra seu Nome? Sôbre a Pedra Cúbica. Acredita-se que o Rito Escocês Antigo e Aceito se atem à rudimentar concepção de um Ente Supremo. Criador providencial e justiceiro, composto de qualidades humanas aperfeiçoadas. Não é exato. A idéia de Deus está em nossas iniciações, como no homem, desde que êle entendeu de compreendê-la. Procurou Deus na Pedra Bruta, nas sensações, nos raciocínios rudimentares e achou a idolatria. O pensamento deveria ser livre e exercitado nas ciências exatas para decifrar Deus na Pedra Cúbica, isto é, por meio da ciência. O Rito do Real Arco faz soletrar o nome descoberto; o Neófito distingue as letras, mas é-lhe proibido pronunciá-las, tanto deve ser o receio do êrro, da te-

meridade, do preconceito, para afirmar sua opinião sôbre o sentido das letras. O Grau do Real Arco, encontrado em quase todos os Ritos, è sempre consagrado à noção de Deus. **(Pausa)**

Meus Ilr:., esta Loja de Perfeição deve obter de vós o compromisso de empregardes, doravante momentos de vossos lazeres ao estudo da doutrina não sòmente da letra de seus Estatutos, mas, sobretudo, do sentido oculto e elevado de seus ensinamentos. Prometeis-nos?

NEÓFITO — Sim.

T:. V:. P:. — Algum dos Ilr:. presentes tem qualquer observação a fazer? **(Pausa. Reinando silêncio)** — Ir:. Orador, qual é vossa opinião?

ORADOR — Nada tenho a opor, T:. V:. P:..

T:. V:. P:. — Ir:. 1.º Vig:., qual a condição essencial para ser recebido entre nós?

1.º VIG. — Ser livre e de bons costumes.

T:. V:. P:. — Ir:. 2.º Vig:., fizemos, algum dia, exceção a essa exigência?

2.º VIG:. — Nunca.

T:. V:. P:. — Ir:. 1.º Vig:., que é um homem livre?

1.º VIG:. — Ser homem livre é não ser escravo, nem servo, nem sujeito à gleba, nem servidor assalariado, enfim, que não exerça profissão servil.

T:. V:. P:. — E' vergonhoso, então, ser servidor assalariado?

Tôdas as profissões honradas não merecem nosso respeito e nossa estima?

V

1.º VIG:. — Todo trabalho honrado é respeitável, mas uma das regras de nossa Ordem é não admitir em seu seio aquêles que se ocupam em trabalhos servís. Visamos a libertação dos escravisados e, até a conseguirmos, dêles devemos desconfiar, tanto quanto daqueles que, pelas necessidades de suas profissões, tenham contraído tendências e hábitos nocivos, porque seriam prejudiciais à nossa tarefa.

T:. V:. P:. — Ir:. 2.º Vig:., que é um homem livre?

2.º VIG:. — Não é livre aquêle que vende a consciência.

T:. V:. P:. — E haverá homens que assim procedam?

2.º VIG:. — Sim: aquêles que, estipendiados por outros, defendem opiniões que não são as suas; aquêles que, por orgulho ou interêsse, servem aos tiranos, aquêles que, para obterem os favores da multidão, lhe fazem mentirosas promessas; os que escrevem obras corruptoras; todos quantos especulam com a ignorância ou com o sofrimento dos fracos. +

T:. V:. P:. — Ir:. Orador, que é um homem livre?

ORADOR — Um homem não é livre quando vive à mercê dos preconceitos. V

T:. V:. P:. — Por que motivo o preconceito impede a liberdade?

ORADOR — O preconceito deturpa a razão; oprime a consciência; faz com que se tome o Bem pelo Mal e o Mal pelo Bem. E' a causa de tôdas

as idolatrias e o germe de todos os despotismos.

T:. V:. P:. — O homem tende a se libertar de tôdas as servidões, provenham elas da opressão alheia ou de seus próprios vícios. O homem de bem procura a Verdade e a pratica e, assim, necessàriamente, é de bons costumes e cumpre, sempre, seu dever.

Ir:. Orador, os Neófitos são livres e de bons costumes?

ORADOR — A garantia disso é a estima que merecem de seus Ilr:.. Os Maçons são, muitas vêzes, tolerantes em matéria de trabalho científico, mas são e devem ser inflexíveis em matéria de moralidade. A presença de um indigno é uma mancha sôbre a Loja.

T: V:. P:. — Ir:. Orador, podemos, então, desde já, considerá-los Perfeitos Maçons?

ORADOR — Têm às qualidades requeridas, mas não o são ainda. Penetrando na Abóbada Sagrada, encontraram as letras sagradas na Pedra Cúbica, mas não souberam ler o nome que elas formam.

T: V:. P:. — Se não souberam ler a Palavra, para que lhes servirá o mais? **(Pausa)** Ir:. Mestr:. de Cer:., despojai os Neófitos de suas insígnias e revesti-os com o Avental de Aprendiz.

— **(Depois de cumprida a ordem).** —

Meus Ilr:., temos de recomeçar todo nosso trabalho. Libertastes vossa inteligência, perquiristes a Natureza e achastes as regras da ciência, mas só não conseguistes desembaraçar a questão dos numerosos êrros que nela se continham. A Verdade não consiste em negações. O Templo a construir deve ser uma afirmação, uma certeza, uma equação entre o conhecimento e a realidade. O princípio de todo conhecimento é DEUS. Na falta de uma idéia precisa sôbre a origem e o fim das cousas, não podemos chegar à conclusão da ciência, da moral nem das leis que presidem os nossos destinos. À falta de conclusão, todo trabalho torna-se inútil e todo conhecimento não passa da satisfação de uma curiosidade pueril. **(Pausa)**

PURIFICAÇÃO — SACRIFÍCIO — UNÇÃO

T:. V:. P:. — Meus Ilr:., impõe-me o dever enviar-vos em busca da Verdade. Antes, porém, de nos deixardes, prestareis o juramento de Perfeito Maçon, a-fim-de que vossa honra e vosso interêsse no cumprimento das obrigações contraídas sejam vossos guias. Sabeis que nosso Rito conserva velhas usanças, que, às vêzes, se afastam dos costumes atuais. Poderão parecer pueris a olhos indiferentes. Sêde, porém, indulgentes com elas. Abri vossos corações às impressões simples e benfazejas; pensai no profundo sentido dêsses símbolos ingênuos de que

tantas gerações receberam impressões e ensinamentos. Utilizados tanto nas iniciações filosóficas como nas religiões populares, fazem jus ao respeito, por isso que representam o progresso moral e a honestidade que domina tôda a ciência. **(Pausa)**
Ir Sacrificador, conduzi os Neófitos ao Altar dos Sacrifícios.

(Música em surdina. Os Neófitos, chegados a uma mesa (colocada, neste momento, no centro do Templo) sôbre a qual está um machado e uma grande faca, dobram os joelhos e inclinam a cabeça. O Mestr:. de Cer: coloca a ponta da faca no peito de um dêles e o Ir: Sacrif:. levanta o machado, como se fôsse ferir-lhe o pescoço.)

T: V: P:. — Ilr:. Neófitos, sereis capazes de desafiar a cólera e a vingança dos maus de preferência a trair vossos Ilr:. ?
Sereis capazes de imolar vossas paixões à vossa consciência?

NEÓITO — ....

T: V: P: — Levantai-vos **(Pausa)** — Ir:. Purificador conduzi os Neófitos ao Altar das abluções para que sejam limpos de tôda fraqueza e de tôdas as manchas espirituais.

(Música em surdina. Os Neófitos são levados até junto do vaso de Bronze, em cuja água mergulham as mãos, que o Ir:. Purif:. enxuga. Leva-os, em seguida, para junto do vaso dos Perfumes, onde queima incenso; manda os Neófitos estender as mãos sôbre o fumo.)

T: V: P: — Ir: 1.º Vig:., fazei os Neófitos praticarem o último trabalho tradicional.

(Música em surdina. O 1.º Vig:. aproxima-se dos Neófitos, toma a trôlha e, depois de mergulhá-la no vaso contendo, segundo a tradição, uma mistura de azeite, vinho, farinha de trigo e leite, diz:)

1.º VIG:. — Passando a trôlha na testa dos Neófitos) Que vossos pensamentos sejam corretos. **(Passando a trôlha nos lábios)** Que vossas palavras sejam úteis. **(Passando a trôlha sôbre o coração)** Que vossos sentimentos sejam justos.

(O 1.º Vig:. volta para seu lugar e o Mestr: de Cer:. limpa os pontos tocados.)

COMPROMISSO

T:. V:. P:. — Ir:. 1.º Vig:., acreditais que êstes Neófitos nos tragam o concurso de espíritos livres, os prazeres de uma amizade sincera e as Virtudes de Perfeitos Maçons?

1.º VIG:. — Assim o esperamos.

T:. V:. P:. — Pois que assim é, prestem êles o solene juramento. Ir:. Mestr:. de Cer:., con-

duzi os Neófitos ao Oriente. **(Pausa até cumprimento da ordem)** De pé e à ordem meus Ilr:.

(Pausa)

Ir: Orador, lêde a fórmula do Juramento.

ORADOR — (Lendo) — **"Reafirmo meus compromissos anteriores. Guardarei o segrêdo dêste Grau e empregarei tôdas as minhas fôrças para distinguir a Verdade em tudo, pois só ela guiará meus passos. Prometo a meus Ilr.: amizade sincera e devotada. Prometo meu concurso para que cada um adquira e conserve sua liberdade de pensar. Se algum Ir:. proceder mal para comigo, far-lhe-ei, com brandura, sentir o seu êrro; se fôr desgraçado, socorrelo-ei. Que meu pensar se conforme, sempre, com a Verdade Eterna; que minha esperança repouse sôbre a realidade daquilo que é."**

T: V: P: — Meus Ilr:. que cada um de vós, ao ser chamado, estende a mão direita e diga: **EU O JURO!**

(O Secretário procede a chamada. Terminado o compromisso (!)

T: V: P: — O laço que liga os Maçons não é, apenas, o de uma amizade dedicada; reside, também, na identidade de suas aspirações. Jurastes defender-nos dos ataques à nossa liberdade de pensar e deveis-nos, também, vosso concurso à nossa tarefa. Ide agora e aproveitai aquilo que os homens descobriram sem

vosso concurso, mas, acrescentai-lhe o produto de vossos esforços. Ir:. Mestr:. de Cer:., acompanhai os Neófitos e fazei com que cumpram o dever. (!) — Sentemo-nos, meus Ilr:..

(O Mestr:. de Cer:. leva os Neófitos para fora do Templo.)

O DELTA

(Fora do Templo, o Mestr:. de Cer:. reveste um dos Neófitos com a fita de Mestre e prende-lhe ao peito um triângulo de ouro, tendo, no centro, a palavra JEHOVAH. Passa-lhe, pela cintura, em duas voltas, um cordão verde cujas pontas, subindo pelos ombros ficam pendentes nas costas. Em Loja, o T:. V:. P:. lembra aos Ilr:. que, à entrada dos Neófitos, devem fazer o Sinal de Admiração, cuja origem é, justamente, êste ponto da iniciação. Preparados os Neófitos são levados à porta do Templo, onde batem como Grande Escocês.)

G:. DO T: — T:. V:. P:., um Grande Escocês anuncia sua presença à porta do Templo.

T:. V:. P:. — Franqueai-lhe o ingresso, meu Ir:.

(O Mestr:. de Cer:. entra ,acompanhado dos Neófitos. O que foi escolhido pronuncia a palavra — EL-HANAM! que é repetida pelos outros; todos vão até o meio do Tem-

plo. Os presentes, de pé, fazem o Sinal de Admiração, depois do que o Neófito diz:)

NEÓFITO — T:. V:. P:., vós me incumbistes de ir em busca da Verdade. Procurei-a sincera e constantemente. Entre os homens só encontrei um nome que êles contemplam pavidos.

T: V: P: — Essa palavra representa para êles o temeroso desconhecido. Sôbre o coração do Maçon é o símbolo da razão serena e perseverante. Vistes essa palavra sob o nono Arco, centro da Luz, verdade intangível, para a qual tendem tôdas as nossas aspirações. Vinde.

(O Neófito escolhido avança sòzinho, O T: V:. P:. dirige-se, por sua vez, para êle. Ao encontrarem-se.

T: V: P:. — Interrogastes as crenças humanas de que o Delta é o símbolo mais elevado. Tôdas têm início em um sentimento bom e justo; tôdas têm conduzido ao esgotamento da razão. **(Pausa)** Desembaçai-vos, agora, dêsse signo da escravidão, que vos cinge a cintura, como deveis vos libertar de todos os preconceitos que tolham a expansão de vossos sentimentos maçônicos. **(Pausa até receber o cordão)**

(Arremessando o cordão para longe) — Livre e leal Maçon, escutai, agora. **(Mostrando-lhe o Trono)** — Êste Altar, bem o sabeis, representa para nós a Pedra Cúbica, a ciência.

Era para os antigos a Tripode Sagrada. Para nós, é o lugar de onde se discorre para os Ir:. sôbre a Verdade e o Dever. Ide solidificar suas bases, nelas depositando o símbolo da mais alta concepção humana.

(O Neófito vai colocar o Delta sôbre o primeiro degrau do Trono e volta. O T V P reveste-o, então, com a Fita e o Avental.)

T: V: P: — Entrego-vos estas insignias, que são o penhor de vossa fidelidade. Como Perfeito Maçon, sejais a honra e a luz da Maconaria.

(O T: V: P: volta para o Trono, enquanto o Mestr: de Cer: coloca a Fita e o Avental nos outros Neófitos.)

T: V: P: — Meu Ir., qual foi o nome que vistes na Pedra Cúbica?

(O Neófito conserva-se em silêncio.)

— Ir: Orador, que nome lestes na Pedra Cúbica?

(O Orador conserva-se calado.)

— Ir: 2.º Vig:, que nome lestes na Pedra Cúbica?

(O 2.º Vig: guarda silêncio.)

— Ninguem, pois, sabe ler o nome? Quem porá termo à nossa angústia? Quem nos dira qual

o Deus que buscamos? Estaremos, pois, eternamente condenados ao inexprimível tormento do Nada?

1.º VIG: — **(Em voz forte)** — Sim.

T: V: P: — Que é, então, êsse espaço, êsse firmamento, que, por todos os lados, nos envolve?

1.º VIG: — O Infinito

T: V: P: — Que é êsse movimento perpétuo, a que chamamos tempo? Onde começa? Onde finda?

1.º VIG: — E' Infinito.

T: V: P: — Qual o menor dos organismos? Qual o maior? A vida é imperceptível para os nossos olhos em tudo que é demasiadamente grande Onde o limite da vida?

1.º VIG: — E' o Infinito

T: V: P: — O Infinito, sempre, o Infinito! O espaço, o tempo, a vida são inconcebíveis e tôda idéia de limite é absurda, porque, sempre, fica de pé a pergunta. "Que haverá além dêsse limite?" Além de nossos olhos, nossa razão, nossa imaginação perquirem e indagam e nunca encontram um fim Aquém, em nosso fôro íntimo, buscamos compreender nosso próprio movimento cerebral Experimentamos, então, uma terrível angústia, que acabaria por nos destruir a razão, se insistíssemos Se pudéssemos, ao menos, compreender! Nada porém ! A propósito de todo raciocínio, de tôda concepção, as idéias que engendramos vão se esbarrar com o incompreendido, com o incognoscível! E tôda a ciência

nada mais é que uma lamentação por nossa ignorância! **(Pausa)**

Ir:. Orador, já que descobrimos, na Pedra Cúbica, quais as letras que compõem o nome de Deus, dizei-me quais são essas letras.

ORADOR — T: V: P:. já as declinastes. São o espaço infinito, o tempo infinito e a vida íntima, em suas diversas manifestações; a inteligência infinita, em seu desenvolvimento; o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, em que esbarramos em tôda a série de fatos ou de idéias.

T:. V:. P: — São essas, de fato, as letras que não sabemos ajustar umas às outras e das quais nada podemos dizer para não cairmos na idolatria. Idólatras, são os profetas que tentam persuadir o povo de que êles têm comércio com Deus. Idólatras, são os sonhadores que criam Deus de acôrdo com os êrros e fantasias da imaginação. Idólatras, são os filósofos que, sem conhecimento do que é e do que não é matéria, jogam essa partida de xadrês entre o espiritualismo e o materialismo, em que, desde os primórdios da Humanidade, vence ora uma, ora outra opinião, recomeçando, logo a seguir, a partida. Idólatras, são as gentes simples que prestam homenagem a Deus, chamando-o de Bom, Justo, Poderoso, que tudo vê e tudo ouve, afeiçoando-o à sua imagem com as Virtudes, mas, também, com todos os vícios humanos.

Idólatras, são os insensatos que se constituem Deus por si mesmos, afirmando que não existe outro. Êstes dizem: "Deus não existe", quando o desconhecido e o incognoscível os domina, os envolve e aniquila. Procedem dessa maneira como quem ,encerrado em uma câmara escura e desconhecida, declara que nela nada existe.

(Pausa)

Não acrediteis, meus Ilr:., que, exprimindo-me por esta forma, esteja vos expondo a doutrina maçônica. Não. E' um modo de pensar que procede de concepções, talvez, de preconceitos, ídolos que o futuro se encarregara de destruir. A doutrina maçônica é a que vou expôr.

Debaixo da Pedra Cúbica, na Natureza e por meio da ciência, encontrastes os elementos do conhecimento de Deus. Não soubestes ler a palavra que vos haviam afirmado lerieis, quando Perfeito Maçon. A idéia maçônica é que cada um a leia por si próprio, sem auxilio alheio, de acôrdo com a própria razão. Lereis CRIADOR — PROVIDÊNCIA — JEHOVAH — NATUREZA. Que vossa leitura seja, porém, atenta e refletida. Empregai as letras, encontradas sob a Abóbada Sagrada, sem negligenciar nem uma das realidades que a ciência vos revelou.

(Pausa)

Ir:. Orador, adotais algum dos nomes, que enunciei, como explicando a idéia de Deus?

ORADOR: — Ouvi sons, palavras, que só exprimem idéias humanas, ou, antes, uma idéia única sempre a mesma: IGNORO!

T: V: P: — Ir: 1.º Vigilante admite a Maçonaria um dêsses nomes como expressão de sua doutrina?

1.º VIG: — Não

T: V: P: — Qual é pois, Ir: 2.º Vigilante a doutrina maçônica?

2.º VIG: — Deus existe.

T: V: P: — Ela afirma a existência de Deus?

2. VIG: — Afirma.

T: V: P: — Que mais diz?

2. VIG: — Nada.

T: V: P: — Ir: 1.º Vigilante essa falta de qualquer explicacão posterior não pode conduzir ao desespêro?

1.º VIG: — De fato, pode.

T: V: P: — E êsse desespêro não é um horrivel sofrimento?

1.º VIG: — É.

T: V: P: — E não existe, para êsses desespêro, um remédio?

1.º VIG: — O sofrimento em comum, procurar a paz espiritual no trabalho e achar a serenidade no amor do Bem e na amizade daqueles a quem amamos.

T:. V:. P: — É êsse o derradeiro traço do Perfeito Maçon. Não seria possivel, de fato, que fôsse a razão humana uma dor eterna. A necessidade de compreender levar-nos-ia ao de-

sespêro do nada, se não fôsse a necessidade que temos de esperar e de amar. Um sentimento invencível impõe-nos a confiança; uma atração irresistível liga-nos ao universo, a todos os sêres, ao Infinito impenetrável. É essa a libertação do pesadêlo que nos oprime. É a Luz nas trevas de nosso cérebro. O Perfeito Maçon procurará decifrar tôdas as realidades, mas a Chave de Marfim, que lhe foi confiada, abrir-lhe-á a Abóbada da Fraternidade; suste-lo-á em seus desfalecimentos e o Amor retemperará sua coragem e sua confiança. **(Pausa)**

INVESTIDURA

T: V: P:. — (!) — Meus Ilr:., pertenceis, doravante a um grupo intimo da grande Família maçônica. Não temos pretensão de ser melhores que os outros e nosso Amor Fraternal sôbre todos se estende. Chegados, porém, ao derradeiro Grau da Maçonaria primitiva, consideramo-nos duplamente obrigados a velar pela conservação de nossas instituições, fazê-las compreendidas pelos jovens maçons, a-fim-de que produzam os esperados frutos. Jurastes ser fiéis a essas obrigações. Creio que, para um homem de bem, não se poderia imaginar compromisso mais inviolável que o juramento livremente prestado, em matéria puramente moral. Não o esqueçais, nunca, quando de vós fôr exigido qualquer sacrifício em bem de uma obra moral.

que a única sanção dos vossos compromissos foi a vossa honra. **(Pausa)**

Ilr:. 1.º e 2.º VVig:., juntai-vos a mim para procedermos a investidura do Grau (!) — De pé e à ordem, meus Ilr:..

(Os VVig:. e o T:. V:. P:. estendem as espadas em direção nos Neófitos.)

T:. V:. P:. — EM NOME DO SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33.º DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO PELOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E EM VIRTUDE DOS PODERES QUE ME FORAM CONFERIDOS POR ESTA LOJA DE PERFEIÇÃO, EU VOS CONSTITUO GRANDES ELEITOS, PERFEITOS E SUBLIMES MAÇONS. INVISTO-VOS DOS PRIVILÉGIOS INERENTES A ÊSTE GRAU, CONFORME OS ESTATUTOS DA ORDEM. **(Pausa).**

Ir:. 1.º Vigilante, procedei a leitura do juramento pelo qual, por nossa vez, nos ligamos a êstes Ilr:..

1.º VIG:. — **(Lendo)** — **"Juramos ser fiéis uns aos outros, socorrendo-nos em todos os infortúnios, concorrendo para que cada um de nós adquira a plena liberdade de pensar, a retidão de juízo e de sentimentos, a probidade em suas relações, a honradez em todos os atos de sua vida, enfim, a perfeição Maçônica."**

(**Todos estendem o braço direito para frente e dizem: "EU O JURO"**)

T:. V:. P:. — Meus Ilr:., de conformidade com os nossos antigos costumes, ao consagrar vossa adoção, entrego-vos êste anel, que deveis, sempre, trazer no dedo, durante vossa vida; ao partirdes para o Or:. Eterno, deve êle passar à vossa companheira, ao vosso filho ou ao vosso melhor amigo. Vossos anéis vão receber o cunho do Grau, para testemunho de vossa qualidade de Perfeito Maçon e lembrança eterna de vossos compromissos.

Ir:. Guarda do Sêlo, cumpri vosso dever. (Pausa) — Perfeitos e Sublimes Maçons, formai a Cadeia de União, em tôrno de vossos novos Ilr:..

(O T:. V:. P:. — desce do Trono e fica junto aos Neófitos, dentro da Cadeia de União. Cada Neófito entrega o anel ao G:. do S:.; êste apõe aos anéis a letra G:.. O T:. V:. P:. coloca o anel em cada Neófito, dizendo:)

T:. V:. P:. — Ide tomar lugar na Cadeia de União de vossos Ilr:..

(Depois de todos receberem o anel, dissolve-se a Cadeia de União e todos vão para seus lugares.)

T:. V:. P:. — **Sentemo-nos, meus Ilr:.. (Pausa)**

— Tem a palavra o Ir:. **Orador para dar aos** Neófitos conhecimento **da Lenda do Grau.**

ORADOR — **(Lendo)** — Diz a nossa Lenda que, desde a época em que Jubulum, Joabert e Stolkin, por concessão divina, acharam o Santo Nome gravado no nono Arco, debaixo da pedra em que Enoch o escondera, sob o santuário do Templo, que êle erguera no Monte Haceldema, perto do Monte Sião e ao sul do Vale de Josaphat, e levaram essa notícia a Salomão, êste, em recompensa, criou, para êles, o Grau de Grande Eleito e Perfeito Maçon. Desde essa época, só candidatos dignos foram admitidos neste Grau. Depois da dedicação do Templo, vários dentre êles dispersaram-se pelo mundo. Os maçons de graus inferiores multiplicaram-se rapidamente, devido a menor seleção entre os que se candidatavam a conhecer a Arte Real. A falta de circunspeção dêsses Ilr:. dos primeiros graus chegou a ponto de vários profanos conhecerem os sinais, toques e palavras, que só dos Maçons deveriam ser conhecidos. A Maçonaria começou a degenerar; multiplicaram-se as recepções; nem um interstício foi observado entre os graus; pessoas houve que receberam os três graus simbólicos de uma só vez. Os prazeres e as diversões tomaram o lugar da instrução; apareceram inovações; uma nova

[illegible]tina destruiu a antiga, que, jamais, deveria ser abandonada. Houve disputas e dissenções. Só os Perfeitos Maçons escaparam a êsse contágio. Guardas fiéis da Palavra Sagrada, que foi guardada sob a Abóbada, debaixo do Sanctus Sanctorum começou a reinar, entre êles, a união fraternal, união jurada e de que era o selo aquela Palavra. Quando Salomão investiu os primeiros Maçons nesse grau, escolhendo os mais virtuosos, fê-los prometer-lhe solenemente que, entre êles, reinaria, sempre a paz a união e a concórdia; que praticariam obras de Caridade e de Beneficência; que tomariam para base de suas ações a Sabedoria, a Justiça e a Equidade: que guardariam o maior silêncio sôbre seus mistérios e que só os revelariam a IIr:. que, pelo zêlo, fervor e constância, fossem dignos de conhecê-los; que se auxiliariam, mutuamente, em suas necessidades punindo severamente, qualquer traição, perfídia e injustiça. Deu, então, um anel de ouro como prova da aliança que acabavam de contrair com a Virtude e para com os virtuosos. Quando Jerusalém foi tomada e destruida por Nabuzardan General de Nabucodonosor rei de Babilônia os Grandes Eleitos foram os ultimos defensores do Templo. Penetraram na Abóbada Sagrada e destruiram a Palavra misteriosa, que nela se conservára por 470 anos, 6 meses e 10 dias, desde a dedicação do Templo. A Pedra Cúbica foi quebrada, derrubado o pedestal, tudo

foi enterrado em um buraco com 27 pes de profundidade, por êles cavado. Retiraram-se, depois, decididos a só confiar à memória o grande Nome e a só transmiti-lo à posteridade por meio da tradição. Daí vem o costume de o soletrar letra por letra, sem pronunciar uma única silaba. Por essa circunstância perdeu-se o habito de escrevê-lo e de pronunciá-lo. Ha incerteza das letras que o compõe. A verdadeira pronuncia so foi conhecida por Perfeitos e Sublimes Maçons.

T:. V:. P:. — Se essa ingênua narrativa surpreendeu e encantou os Grandes Eleitos, que pela primeira vez a escutaram, esperamos que os IIr:. pensem sôbre ela em seus momentos de lazer e busquem compreender a filosofia do Grau, que acabam de receber, em cada um dos traços da Lenda. (**Pausa**) Ir:. Orador desejais continuar com a palavra?

(O Orador, se desejar, faz rápida alocução sôbre o ato. Reinando silêncio:)

T:. V:. P:. — Ir:. 1.º Vigilante, dai aos Neófitos as instrucões do Grau.

(O 1.º Vig:. , aproximando-se dos Neofitos, dá-lhes as precisas instruções, findas as quais volta para seu lugar. E' concedida a palavra a um dos Neófitos para agradecer.)

ENCERRAMENTO

T: V: P: — Meus Ir:., vou proceder ao encerramento dos trabalhos. Antes, porém, se houver quem deseje fazer alguma consideração, a palavra ser-lhe-á concedida.

(Reinando silêncio.)

T: V: P: — Ir: Hospitaleiro, fazei circular o Tronco de Solidariedade e das obras maçônicas.

(Terminada a coleta e conferida pelo Orador.)

T: V: P: — Ir: 1.º Vigilante, de onde vieste?

1.º VIG: — Da Índia, do Egito, da Babilônia, de Jerusalem, de Alexandria; enfim, de tôda parte onde o homem se entregou à meditação.

T: V: P: — Que motivos vos induziram a fazer essas viagens?

1.º VIG: — O desejo de saber.

T: V: P: — Ir: 2.º Vigilante, onde tendes trabalhado

2.º VIG: — Sob a Abóbada Secreta, nos alicérces do Templo

T: V: P: — Que achastes nesse lugar?

2.º VIG: — A Palavra incrustada em um pedestal e coberta por uma pedra de ágata em forma quadrangular.

T: V: P: — Que palavra é essa?

2.º VIG: — Ninguém conseguiu, jamais, decifra-la

T:. V: P: — Ir: 1.º Vigilante, como fóstes introduzido aqui?

1.º VIG: — Por 3 — 5 — 7 — 9, a ponta de um ferro sôbre o coração e a lâmina de um machado sôbre o pescôço

T:. V: P: — Que fizeram convosco?

1.º VIG: — Depois de me purificarem, mandaram-me embora, dizendo-me: "PROCURAI".

T:. V:. P: — E que encontrastes?

1.º VIG: — A arte de aperfeiçoar aquilo que é imperfeito.

T:. V:. P: — E onde encontrastes esta arte?

1.º VIG: — No Delta, prêso ao colar de Mestre

T: V: P:. — E como vós utilizastes dêle?

1.º VIG: — Depois de me desembaraçarem do laço dos preconceitos e dos vícios, que escravizavam minha razão, depositei o Delta nos alicerces do ensinamento maçônico. Deram-me, então, o penhor de minha aliança. **(Mostra o anel).**

T: V: P: — Ir: 2.º Vigilante, que significa as 24 Luzes inestinguiveis, que nos iluminam?

2.º VIG. — Que produzirão a ciência todo o tempo em que durarem. E elas brilharão todo o tempo que as alimentarmos

T V P: — Por que motivo esta Abóbada é denominada Secreta, na abertura dos trabalhos, e Sagrada no encerramento?

2.º VIG Por causa do depósito que recebeu.

T V P: — Que idade tendes?

2.º VIG. O quadrado de nove.

T V P Ir 1.º Vigilante, que horas são?

1.º VIG. Meia noite

T V P — (') — De pé e à ordem, meus Ilr:.. **(Pausa).**

A mim meus Ilr:.. pelo Juram[illegible] se); pela Admiração e pelo Silêncio. **(Todos fazem os sinais).** Estão encerrados os nossos trabalhos. Retiremo-nos em paz, sob promessa de sigilo.

COBRIDOR DOS GGR:. INTERMEDIARIOS

GR: 10

Ilustre Eleito dos Quinze

S: — Fazer menção de levar um punh: á altura do mento, fazê-lo descer ao longo do corpo, como querendo abrir o ventre.
Resposta — Fazer o sinal de Apr:. com os dedos fechados e o polegar levantado.
Toque — Entrelaçar reciprocamente os dedos da mão direita.
P: P: — MAHELEH
P:. S: — LABREZ — Resposta : RACAHNEB.
IDADE — XV a
Marcha — XV passos em triângulo.
Bateria — 00000

GR: 11

Sublime Cavaleiro Eleito dos Doze

S:. — Cruzar os braços sôbre o peito, tendo os dedos fechados e os ppol:. levantados.
Toque: 1.º — Apresentar mutuamente o pol:. da m: dir:. tendo os outros dedos fechados. Tomar o pol:. e voltar o punho três vêses

dizendo alternativamente: **HTIREB, REDEN, HTOMELEHCS.**

2.º — Tomar a m:. dir:. do Cobridor e ferir três Vêzes com o pol:. sôbre a 1a. falange do dedo médio.

P: P: — NIKLOTS.

P: S: — IANODA.

Idade — 27 a.

Bateria — 000000000000

GR:. 12

Grão Mestre Arquiteto

S: — Pôr a m: dir:. sôbre a esqu:., como si esta fosse uma prancheta e aquela tivesse um lapis; fazer o movimento de traçar um plano, olhando por intervalos para o Grão — Mestre, que se julga indicar o objéto.

Toque — Entrelaçar os ded:. dir:. com os da esqu: do Cobridor, e cada um levar a m:. livre ao quadril.

P:. P: — BAR — NIANAB (significa arquiteto)

P:. S:. — IANODA.

Idade — 45 a.

Bateria — 0 00 000 000 0

GR:. 13

Real Arco

S:. — De admiração: levantar as mm:. ao céu, com a cabeça inclinada para a esq:. e um joelho em terra.

De adoração (não usado): ajoelhar

Toque — Levar as mm: por baixo dos braços do Cobridor como para ajudar a se levantar, dizendo Toub bangani ngamal abal **O Cobridor faz, em resposta o mesmo toque e diz: Jabulum**

P P: — —

P: P: — HAVOHEJ

Idade — —

Bateria — **00 000**

Gr: 14

Perfeito e Sublime Maçon

SS. — 1.º De Ordem (fogo): Levar a m: dir: aberta com a palma para fóra, e pegar no cot: com a m: esqu

2.º De Juramento: Levar a m: para o lado esqu: retira-la rápida e horizontalmente para a dir:

3.º De Admiração e Silencio: Levantar as duas mm: abertas para o céu, tendo a cabeça inclinada os olhos levantados; levar depois os dois primeiros dde: da m: dir: aos lábios

Toques 1.º Tomar-se mutuamente a m: e volta-la três vêses, um dizendo, **HTIREB**; outro **REDEN**, o primeiro **HTOMELEHCS**

2.º — Tomar-se mutuamente a m: dir: como no 3.º Gr: dizendo: "Ides mais longe?" Resposta avançar a m: ao longo do ante braço e ao cotov: colocar mutuamente a

m esqu:. sôbre o hombro dir:., balança o corp:. três vêses, tendo as pernas adiantadas umas das outras pela dir:..

3.º — Tomar reciprocamente a m:. dir:. e com a esqu: sôbre o hombro direito, reciprocamente, como para se atrairem.

PP PP: — 1a. HTELOBBIHCS

2a. LE NANAHH Gr:. P:. P:. : AEB HEHGAM

PP: Cobertas: 1a. — MULUBAJ

2a. — MACHOBIM

3a. — IANODA

P: S: — HAVOHEJ

Idade: — Sete vêses sete anos

Bateria — 000 00000 0000000 000000000

Anel; em forma de aliança com a inscrição: VIRTUS JUNXIT MORS NON SEPARABIT

Marcha: nove passos, oito rápidos e um lento.

JOIA: Um compasso com uma côroa de pontas,

JOIA: aberto sôbre um quarto de circulo, em que estão gravados os números: 3, 5, 7, 9. Na abertura do compasso há uma medalha com um sol; do outro lado da medalha há uma estrêla flamigera com a letra G no meio.